

A LINGUAGEM POPULAR E SUA RELAÇÃO COM O HUMOR

Débora Cristina Longo Andrade

Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – PUC/SP

RESUMO

O humor, modalidade discursiva estudada ao longo dos séculos, continua sendo alvo de diversas pesquisas e oferece-nos subsídios suficientes no tocante à sua relação com a linguagem. Este artigo tem como objetivo principal buscar respostas para as possíveis causas que possibilitam a produção do humor a partir da leitura de textos em linguagem popular, os quais não subjazem, a princípio, uma intenção cômica. O nosso *corpus* de referência foi coletado em vídeos postados no site *YouTube*. O contexto, em que se produz o riso, está relacionado a um programa de entretenimento apresentado pela rede nacional de televisão, considerado também como programa de elite. A análise está respaldada nas contribuições teóricas de Bergson e Propp, autores destacados na área de estudo do humor, bem como nas teorias advindas de outras correntes de estudo da Linguística que enfocam, em especial, os mecanismos e elementos que contribuem para a provocação do riso em determinadas situações comunicativas. Os resultados da pesquisa mostram que o processo de produção do humor pode estar associado principalmente à natureza das oposições, à censura, como também pode revelar preconceitos, fundados em estereótipos.

Palavras-chave: Humor. Linguagem. Dicotomia. Preconceito. Censura.

INTRODUÇÃO

O humor, uma das modalidades discursivas estudadas desde a Antiguidade, continua sendo alvo de diversos trabalhos de pesquisa. O fato paradoxal de vivermos em uma sociedade marcada por tantos conflitos, ao mesmo tempo, pela difusão maciça do humor através das suas mais variadas formas de expressão, realça a importância de estudos sobre a comicidade no cotidiano. Estes, na maioria das vezes, têm como objeto de análise o fenômeno do riso proveniente de textos verbais intencionalmente humorísticos. Contudo, neste artigo, preferimos não optar pela escolha e análise de textos que subjazem uma intenção humorística, mas por textos que não apresentam traços da comicidade e que passam a ser percebidos como engraçados em determinados contextos.

Convém destacar que o interesse pelo tema surgiu a partir de uma curiosidade juntamente com a necessidade da pesquisa. A princípio, desenvolvemos um projeto de Língua Portuguesa com os alunos do Ensino Médio, numa instituição privada de ensino, o qual levava os estudantes a identificar enunciados em placas de rua, que apresentavam desvios

linguísticos em relação à norma culta da língua. O principal objetivo desse trabalho consistia em discutir as variantes da língua tidas como não padrão, bem como descrever os principais fatores que caracterizam o preconceito linguístico, como também a discriminação social.

Ao mesmo tempo em que investigávamos os aspectos acima citados, pudemos verificar que esse tipo de material linguístico também foi utilizado para gerar situações de humor em um programa, que mistura entretenimento, entrevistas e músicas, veiculado pela Rede Globo de Televisão e liderado pelo apresentador Jô Soares.

De imediato, o que nos chamou a atenção foi o fato de que alguém escrever diferente em relação à norma culta possa fazer rir, visto que o apresentador, ao iniciar a atração, leva a plateia ao riso, como também se diverte durante a leitura dos textos contidos nas placas.

Assim, ao optar pelo método indutivo, procuramos analisar esses fatos, a fim de tentar compreender, em um primeiro momento, como a linguagem popular está relacionada à temática do humor.

Sob essa perspectiva, organizou-se este estudo em torno da seguinte questão que tem nos intrigado: *Rir de quem se comunica de forma diferente. O que produz esse efeito de humor?*

Na tentativa de responder a essa pergunta, tomamos como base contribuições teóricas advindas de estudiosos do fenômeno da comicidade e do riso. Assim, a abordagem respalda-se em dois dos principais autores destacados nesta área de estudo, são eles: Bergson (2001) e Propp (1992). A análise desenvolve-se também na contribuição teórica advinda de outras correntes de estudos linguísticos, que tem em Travaglia (1989), Possenti (1998) e Charaudeau (2006) três das principais referências da atualidade.

Neste ponto, torna-se imperioso registrar que, embora haja uma série de outras contribuições acerca do humor, optamos por trazer apenas alguns pontos que consideramos mais significativos para o estudo aqui realizado.

Bastante pertinente é acrescentar que não somente acreditamos, como defendemos a importância de se manter vivo o “diálogo acadêmico”. De tal modo, esperamos conseguir, ao final deste artigo, colocar as nossas contribuições a serviço da sociedade, trazendo informações relevantes de como o uso do português não padrão pode atuar na produção do humor.

Por fim, passemos à discussão do nosso trabalho que tem, na teoria do humor, o cerne da questão.

NORMA E DESVIO: UM CASO DE HUMOR

Todo usuário da língua apresenta uma experiência linguística como ouvinte, falante, leitor e escritor. Isso o capacita a produzir suas próprias sequências linguísticas (orais e/ou escritas), movimentando os recursos e mecanismos da linguagem, seja no cotidiano de suas interações com outras pessoas, seja em situações mais formais como, por exemplo, no ambiente de trabalho, nos estudos acadêmicos etc.

Convém destacar aqui que, no conteúdo das placas, há a predominância do português não padrão, e os indivíduos que as produziram, empregaram a linguagem coloquial sem mostrar preocupação com o aspecto social, já que, para eles, toda forma de expressão é permitida, pois seu objetivo é desenvolver as sequências linguísticas com o intuito de se comunicar. Percebemos, portanto, nos textos apresentados, que todos são articulados num padrão linguístico popular, respeitando um conhecimento gramatical intuitivo ou inconsciente e que, de certa forma, poderia ser entendido como um desvio linguístico da dita norma padrão.

Tendo em vista essas considerações introdutórias, torna-se relevante comentar que o conceito de norma, como é sabido, tem sentidos diversos, mas todos eles relacionados à ideia de preceitos, regras, juízos de valor etc. A gramática normativa, por exemplo, baseia-se em regras que devem ser tomadas como modelos da escrita e da fala corretas, geralmente utilizadas pela “elite”, que emprega a norma culta padrão. Sendo essa gramática de postura prescritivista, aquele que fala diferente do que está prescrito, fala “errado”, conforme atesta Bagno:

Inspirados nos usos que aparecem nas grandes obras literárias, sobretudo do passado, os gramáticos tentam preservar esses usos compondo com eles um modelo de língua, um padrão a ser observado por todo e qualquer falante que deseje usar a língua de maneira ‘correta’, ‘civilizada’, ‘elegante’, etc. É esse modelo que recebe tradicionalmente, o nome de *norma culta*. (BAGNO, 2003, p. 43)

Evidentemente, tomar uma forma específica de escrever e falar como a correta provoca muita discussão, já que considerar um único registro linguístico como o ideal é, no mínimo, pretensioso, e pode gerar uma série de preconceitos linguísticos. Em outras palavras: considerar uma única maneira de empregar a língua como correta é desconsiderar todas as outras experiências linguísticas que fazem parte de nosso cotidiano.

Sob este aspecto, parece-nos interessante comentar que a língua, como veículo de comunicação e fator essencial de identificação, sofre resistência da sociedade em termos de variação, como a censura, a crítica e, até mesmo, o deboche; isso porque as diferentes variantes expõem a diversidade sociocultural nem sempre aceita.

De acordo com Bagno (2003, p. 28), “(...) quanto menos prestigiado socialmente é um indivíduo, quanto mais baixo ele tiver na pirâmide das classes sociais, mais erros (e erros mais ‘crassos’) os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele”.

No Brasil, particularmente, é preciso levar em consideração, nessa discussão toda, que o reduzido acesso à escola explica a dificuldade da aquisição da norma culta, o que adensa ainda mais os preconceitos, pois a maioria dos brasileiros não compartilha da modalidade eleita como a de maior prestígio na sociedade.

Neste ponto das nossas considerações e buscando responder à problemática na qual estamos centrados, torna-se relevante destacarmos como esses valores dicotômicos – **norma** (linguagem da “elite”) vs. **desvio** (linguagem “popular”) – podem produzir efeitos de humor.

Para Propp (1992, p. 60), “pode se tornar cômica a transgressão de normas de ordem pública, social e política”. De fato, os textos das placas, cujas grafias se desviam da norma culta, suscitam o riso. A comicidade, portanto, pode ter como causa diferenças, falta de correspondência ou contradição, não apenas linguísticas, mas, sobretudo, sociais.

Parece não ser outra a posição de França ao ressaltar que

a língua é um fator de identidade, de união dos iguais e, em consequência disto, de segregação do outro, do estrangeiro que não a domina, ou mesmo do concidadão que, por questões geográficas ou socioculturais, não a domina a contento: sua linguagem não corresponde aos usos, normas e expectativas linguísticas de uma dada comunidade. (PROPP, 2006, p. 172)

Nesta perspectiva, entendemos que o fenômeno da variação linguística, o qual reforça diferenças sociais, pode revelar uma estratégia simples, porém eficaz para a criação do humor, pois este se deriva justamente da “oposição”, ou dito de outra forma, o humor se volta para o “contraste” e, assim, tende a desmerecer aquele ou aquilo que é visto como diferente por determinada comunidade.

Passemos, a partir de agora, à análise da situação comunicativa em que o riso se produz.

Esse tipo de análise é importante por levar em conta a relação do humor com as condições de produção do discurso, seja do falante, do ouvinte, do contexto da comunicação e do contexto histórico-social ou ideológico em questão.

O CONTEXTO EM QUE SE MANIFESTA O RISO

O *Programa do Jô* é uma atração rádio-televisiva liderada pelo apresentador e humorista Jô Soares, definindo-se basicamente como um programa de entrevistas. É produzido e transmitido pela *Globo internacional*, *rádio CBN* e pela *Rede Globo de Televisão*, principal emissora brasileira e importante formadora de opinião entre as classes sociais. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, logo após o *Jornal da Globo*.

Segundo dados coletados pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e publicados pela Direção Geral de Comercialização da emissora¹,

mais de 4,6 milhões de telespectadores acompanham o Programa do Jô de segunda a sexta-feira em todo o país. Grande parte desta audiência pertence às classes ABC (76%) e tem 18 anos ou mais (85%). Em São Paulo, os números são ainda mais expressivos: 88% dos telespectadores pertencem às classes ABC e têm 18 anos ou mais.

Bastante pertinente é notarmos que o apresentador normalmente caracteriza e identifica a plateia como caravanas de estudantes universitários oriundos de diversas localidades e municípios do estado de São Paulo, público que tem acesso ao conhecimento da variedade padrão da língua. Cumpre ainda notar que as pessoas que compõem o auditório pertence a uma classe cultural e economicamente mais alta, levando-se em consideração os produtores dos textos nas placas.

Neste ponto, convém acrescentar as contribuições de Charaudeau (2006, p. 21-23), quando enfatiza que “todo fato humorístico é um ato do discurso que se inscreve numa situação de comunicação”, o qual põe em cena três protagonistas: o *locutor*, o *destinatário* e o *alvo*.

O locutor é aquele que em uma determinada situação comunicativa produz o ato humorístico. Jô Soares é tido pela crítica televisiva como um dos mais importantes entrevistadores e humoristas da televisão brasileira. Essa característica lhe garante a

¹ Disponível em: http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_entrevista/joaltas_apa.php - acesso em 16/10/2012.

legitimidade necessária para produzir uma situação engraçada. Isso pode ser confirmado durante a leitura das placas, pois não só o apresentador se diverte como provoca o riso da plateia.

De fato, Jô Soares consegue que o público entre em convivência com ele, visto que são chamados a compartilhar a visão de mundo do apresentador, como também se tornam cúmplices do julgamento sobre o alvo.

É pelo intermédio dos produtores dos enunciados das placas (alvo) que o ato humorístico coloca em questão as visões normatizadas de mundo, isto é, a comicidade decorre por meio das *distorções linguísticas* que fogem do julgamento social de normalidade imposto pela elite. Nas palavras de França (citado por RASKIN, 1985, p. 181), “as distorções linguísticas se baseiam na simples oposição identidade linguística x diferença linguística e nada mais”. Assim, se, como vimos, a realização do humor se volta para o diferente, é perfeitamente compreensível que a comicidade decorra do uso de tais distorções.

Outro ponto interessante a elucidar em relação à produção do humor diz respeito também a fatores circunstanciais e, sobre tal aspecto, observemos as palavras de Possenti (1998, p. 45), “cada lugar privilegia um tipo de discurso, ou, pelo menos, veta outro”. No anúncio das placas, funciona a estratégia que consiste em opor a um discurso positivo (no caso, o da variante culta propalada pela classe dominante), um discurso, de certa maneira, contrário ao anterior (no caso, o da linguagem popular utilizada pela classe marginalizada).

Dessa forma, parece indiscutível que ao humor de cunho linguístico-social também está associada a dicotomia **superioridade** vs. **inferioridade**. “Quem debocha do erro de linguagem cometido pelo outro julga, por óbvio, saber o certo” (FRANÇA, 2006, p.196). De outra forma, aquele que não compartilha os nossos valores merece a nossa depreciação.

Diante de tais considerações, convém registrarmos os comentários debochados e jocosos do humorista em relação ao conteúdo das placas e que estimulam inevitavelmente uma reação de riso, já que o apresentador possui também um talento especial para a comicidade:

“Toda vez que a gente mostra aquelas placas “bem criativas” recolhidas em ruas do Brasil, o pessoal trata de fotografar novas placas e manda aqui para a nossa produção. Olha que beleza essa nova remessa! (...)” (12/05/2010)

“E eu gostaria de mostrar mais algumas placas descobertas aí, por todo o Brasil, com pérolas de Português, fantásticas placas... Acabam de chegar agora à nossa produção. Essas... realmente inventivas, muito inventivas (...)” (24/06/2011)

“Eu gostaria de mostrar, para começar o nosso programa, as novas placas que a nossa produção recebeu. Eles mandam placas maravilhosas, que a gente mostra, numa tentativa de divulgação da nossa cultura...”(07/04/2012)

Como constatamos, o apresentador perpetua noções simplistas e equivocadas sobre esses fenômenos linguísticos, e os produtores das placas, em decorrência das impropriedades linguísticas que geralmente cometem em relação à variante culta, tornam-se o alvo predileto das farpas de Jô Soares.

O CORPUS DE REFERÊNCIA

Navegando pela internet com o objetivo de compor o nosso *corpus*, passamos a buscar vídeos do *Programa do Jô* postados no *YouTube* (sítio que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital), dos quais escolhemos três. Os vídeos que utilizamos, portanto, para análise foram publicados em 12/05/2010 por *gualink*², 24/06/2011 por *MysteryRoberto*³ e em 07/04/2012 por *BOATELA*⁴.

Convém lembrar que é extremamente comum, na abertura do programa, a apresentação de uma grande quantidade de placas, as quais denotam desvios em relação à norma culta da língua em diferentes níveis e planos (sintático, semântico, morfológico, discursivo etc.).

Selecionamos, respectivamente, para este estudo, quatro placas de cada programa.



Placa 1



Placa 2

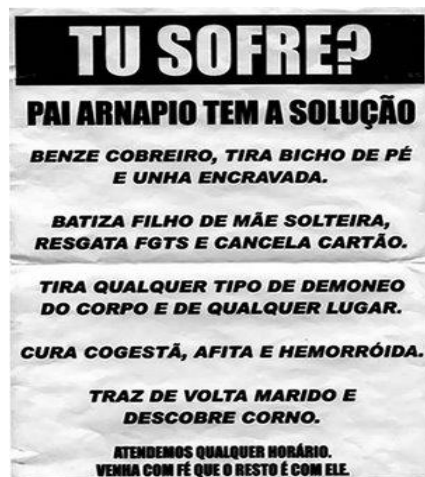
² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pZ5FHtdI0ag> – acesso em 10/10/2012.

³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=W0eepldcj3c> – acesso em 12/10/2012.

⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Z04nhRAxCCc> – acesso em 20/10/2012.



Placa 3



Placa 4



Placa 5



Placa 6



Placa 7



Placa 8



Placa 9



Placa 10



Placa 11



Placa 12

Diante do *corpus*, identificamos que as inscrições linguísticas são decorrentes da situação e do grau de espontaneidade que envolve os interlocutores no momento do discurso e esse tipo de construção, que está associado ao “português não padrão”, é a língua da grande maioria pobre e analfabeta do povo brasileiro, em oposição ao “português padrão”, a língua a que uma pequena parcela da população tem acesso.

Assim, o apresentador Jô Soares, quando explora e reforça essa oposição, de forma eficaz e muito criativa, deflagra e acentua os efeitos risíveis, já que a criação do humor decorre do confronto entre essas duas realidades.

Por fim, recuperamos em Bergson (2001, p. 6), para quem “o riso deve ter uma significação social”, a ideia diretiva para a qual convergem as nossas considerações até agora.

O RISO COMO GESTO SOCIAL

Bergson (2001, p. 2), em *O Riso*, dá início às suas reflexões a partir da seguinte concepção: “não há comicidade fora daquilo que é propriamente *humano*”, o que implica dizer que, ao estudarmos o riso, enfocamos uma manifestação própria do ser humano. Sendo o homem um ser social, reconhecemos que o humor está relacionado à sociedade e à cultura de certo grupo.

O autor também sugere que o riso tem um significado ou uma função social. Para ele, o riso é uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é seu objeto. Assim, podemos entender que a sociedade censura, por meio do riso, aqueles que não se adaptam às exigências impostas por ela. Há, portanto, um julgamento moral daquele que ri, como se o riso reforçasse quão inadequado é o comportamento daquele que o gerou.

Propp também teoriza o cômico e afirma que é possível rir do homem em quase todas as suas manifestações. Ao falar da relação intrínseca entre o cômico e o riso e de como estes fenômenos são produzidos pelo homem no seio social, afirma que:

Pode ser cômico os raciocínios em que a pessoa aparenta pouco senso comum (...). Pode ser ridículo o que o homem diz, como manifestação daquelas características que não eram notadas enquanto ele permanecia calado. Em outras palavras, tanto a vida física, quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto do riso. (PROPP, 1992, p. 29)

Ao refletirmos sobre o aspecto social que permeia o riso, o autor acrescenta que o fenômeno do riso varia de acordo com os valores socioculturais e experiências vivenciadas pelos indivíduos que compartilham de uma mesma realidade social, sem esquecer também da linguagem utilizada nas situações comunicativas, à medida que não esteja associada a contextos e valores compartilhados por uma classe ou grupo social.

Um ponto bastante curioso dentro deste tópico está relacionado ao que nos aponta Travaglia em relação aos mecanismos que provocam o riso, citando como um deles *o uso de estereótipo*. O autor enfatiza que o estereótipo, marca registrada do humor, pode ser linguístico e é próprio de um grupo ou classe social. Considera, ainda, que

os estereótipos são valorados socialmente de forma negativa (para a sociedade como um todo quando não são do grupo dominante) ou positiva (como elemento de identidade do grupo respaldada por sentimentos de solidariedade). O estereótipo no humor é sempre usado

como uma dimensão social negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo. Aqui entra em questão a superioridade do conhecedor e da superioridade coletiva. (TRAVAGLIA, 1989, p. 61)

Bastante pertinentes também são as palavras de Possenti quanto à associação entre humor e identidade de um grupo representada através de estereótipos:

(...) o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro. Assim, o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que em princípio não assume, mas que lhe é atribuída, de um outro lugar, eventualmente pelo seu Outro. (POSSENTI, 1998, p. 40)

Nesse sentido, um dado bastante revelador e que convém ser destacado é que na apresentação das placas está reforçada a questão do estigma, do uso de estereótipo, fazendo prevalecer sobre as pessoas menos favorecidas e sem instrução o preconceito linguístico-social e, principalmente, valendo-se dele para provocar o riso, evidenciando, assim, o quanto a audiência é conivente com essa discriminação.

Recuperando Bergson (2001, p.5), para quem “o nosso riso é sempre o riso de um grupo”, talvez possamos afirmar que denegrir o outro, o diferente, parece ser a forma mais comum de reforçar a própria identidade.

Diante dessas considerações, queremos comentar finalmente que, se por um lado, o humor revela-se crítico porque censura aquele que aparenta estar em “débito” com a sociedade, pode ser considerado, por outro lado, extremamente preconceituoso, fundado em estereotípias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo consistiu em mostrar pontos importantes no estudo da construção do riso em textos que não tinham a princípio essa intenção. Importante foi constatar, no humor praticado por Jô Soares, algumas concepções estudadas em relação à comicidade e ao aspecto do risível.

Respaldados em conceitos teóricos dos estudiosos da linguagem, como Charaudeau, Travaglia e Possenti, analisamos os mecanismos essenciais e relevantes para a produção do

humor como, por exemplo, situação de enunciação e uso de estereótipo, e acreditamos serem os principais motivadores da comicidade, levando-se em conta o nosso *corpus* de referência.

Verificamos, de acordo com Propp e Bergson, que o humor está relacionado diretamente ao que é propriamente humano, e o homem, por sua vez, está inserido em um contexto social. Vimos que o riso pode se manifestar conforme a realidade vivenciada por esses sujeitos e ainda se torna um elemento de contestação a tudo aquilo que não corresponda aos valores compartilhados por determinada classe ou grupo social. Fundamental é ainda reiterar a afirmação de Travaglia que só através da comicidade, de certa maneira, esses indivíduos conseguem se mostrar superiores. De fato, observamos que o humor pode representar hostilidade, censura, superioridade e, até mesmo, revelar certos preconceitos e estereotípias.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, neste trabalho, apresentamos apenas alguns aspectos relativos ao estudo do humor que consideramos relevantes para fundamentar a nossa pesquisa, sem deixar de mencionar a nossa pretensão em continuar o estudo sobre o fenômeno do riso, visto que a necessidade de sua abordagem nos possibilita uma compreensão ainda mais profunda de nós mesmos e da sociedade da qual fazemos parte. Isso certamente implica novas leituras, pesquisas, escritas, reescritas e reflexões, as quais nunca se esgotam em si mesmas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BERGSON, Henri. *O Riso*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção Tópicos).

CHARAUDEAU, Patrick. *Des catégories pour l'humor?* In: *Question de Communication*, Nancy, n° 10, 2006, p. 07-17, Presses Universitaires de Nancy.

FRANÇA, M. T. R. de. *A construção linguística do riso nas crônicas de José Simão*. São Paulo. 2006. 304 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Cap. 3.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e Riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O que é engraçado?* Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. Estudos Linguísticos e Literários, Maceió, v.5 e 6, p. 42-79. 1989.

ABSTRACT

The humor, discursive modality studied for centuries, remains the subject of several research grants and offers us sufficient in terms of its relationship to language. This article's main objective is to seek answers to the possible causes that enable the production of mood from the reading of texts in popular language, which underlie not, at first, a comic intent. Our reference corpus was collected in videos posted on YouTube. The context, in which it produces laughter, is related to an entertainment program presented by national television, also regarded as an elite program. The analysis is supported on the theoretical contributions of Bergson and Propp, prominent authors in the study area of humor, as well as the theories that come from other streams of study of linguistics focusing, in particular, the mechanisms and factors that contribute to the provocation of laughter in certain communicative situations. The research results show that the production process of the humor may be associated mainly to the nature of the opposition, censorship, but also can reveal biases, grounded in stereotypes.

Key words: Humor. Language. Dichotomy. Prejudice. Censorship.

Envio: Abril/2013

Aprovado para publicação: Maio/2013